

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

GABRIELA DORNELES DE MORAIS

BRASÍLIA

2014

GABRIELA DORNELES DE MORAIS

**FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

BRASÍLIA

2014

GABRIELA DORNELES DE MORAIS**FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição da Silva Freitas.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição da Silva Freitas (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis (Examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Msc. Enyda Luz Lacerda Oliveira (Examinadora)

BRASÍLIA – DF

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIELA DORNELES DE MORAIS

FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição da Silva Freitas.

Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição da Silva Freitas

Prof^ª. Dr^ª. Renato Hilário dos Reis

Prof^ª. Msc. Eny da Luz Lacerda Oliveira

BRASÍLIA – DF

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Morais, Gabriela Dorneles de. FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. FE-UnB, Licenciatura, Pedagogia, 2014.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

MORAIS, Gabriela Dorneles de. FATORES QUE DETERMINAM A ESCOLHA PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A PERSPECTIVA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL. FE – UnB, Licenciatura, Pedagogia, 2014.

“Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida.”

(Confúcio)

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
LISTA DE TABELAS	11
RESUMO	12
AGRADECIMENTOS	14
INTRODUÇÃO.....	16
PARTE I – MEMORIAL	19
PARTE II – MONOGRAFIA.....	22
CAPÍTULO 1 – A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL	22
1.1 – Breve histórico.....	22
1.2 Abordagem sócio-histórica.....	25
1.3 A escolha profissional nas classes pobres	26
1.4 Fatores determinantes da escolha	27
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	32
2.1 O que é Educação de Jovens e Adultos?	32
2.2 Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho.....	33
CAPÍTULO 3 – A PESQUISA DE CAMPO	35
3.1 – Abordagem da Pesquisa.....	35
3.2 – Local da Pesquisa	35
3.3 – Perfil da turma/ Perfil Pessoal	36
3.4 – Mundo do trabalho	38
3.5 – Escolha profissional.....	42
3.6 – Família.....	49
3.7 – Estudos	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	58

REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

EJA – Educação de Jovens e Adultos

CED – Centro Educacional

SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal

FE – Faculdade de Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

Genpex – Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão

OP – Orientação Profissional

UAST – Unidade de Atendimento de Semiliberdade de Taguatinga

EC – Escola Classe

EM – Ensino Médio

PAS – Programa de Avaliação Seriada

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Cedep – Centro de Cultura de Desenvolvimento do Paranoá

MTC – Departamento de Métodos e Técnicas

DF – Distrito Federal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos	36
Gráfico 2 – Sexo	37
Gráfico 3 – Cor/Raça.....	37
Gráfico 4 – Bairro da residência.....	38
Gráfico 5 – Taxa de Empregados	39
Gráfico 6 – Taxa de Desemprego	41
Gráfico 7 – Escolha profissional	43
Gráfico 8 – Motivos da escolha da profissão	46
Gráfico 9 – Personificação.....	46
Gráfico 10 – Diálogo sobre trabalho	49
Gráfico 11 – Série antes da EJA	53
Gráfico 12 – Motivos de parar.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Atividade desenvolvida	40
Tabela 2 – Renda Salarial	41
Tabela 3 – Motivo do Desemprego.....	42
Tabela 4 – Escolha profissional.....	43
Tabela 5 – Relação com a profissão.....	44
Tabela 6 – Foco nos estudos para o futuro profissional.....	47
Tabela 7 – Quem pode te ajudar?	48
Tabela 8 – Categorias de “quem pode ajudar”.....	49
Tabela 9 – Pessoas que trabalham/moram na residência	50
Tabela 10 – Profissão e escolaridade dos pais	51
Tabela 11 – Trabalhar atrapalha os estudos?	52
Tabela 12 – Série e motivos	52
Tabela 13 – O que espera da escola	54
Tabela 14 – O que busca na escola	55

RESUMO

O estudo é fundamentado em inquietações advindas da práxis. A conquista por um direito básico vigente em nossa Constituição Federal de 1988 – a educação, caracteriza a luta e humaniza a Educação de Jovens e Adultos, pois é com bela e árdua história que se chega aonde se chegou. A história de Jovens e Adultos trabalhadores que por certa vez se viram em meio a um desafio: parar os estudos que lhes garantiria uma condição de vida melhor – promissora, para trabalhar e garantir condições de vida a fim de suprir necessidades para si e para sua família. No entanto esse público quando volta à escola tardiamente se depara com impedimentos mas também grandes sonhos e oportunidades de um amanhã melhor, garantido pelo esforço e pela conquista. E esses sonhos estão relacionados às suas escolhas profissionais que por algum motivo foram feitas de forma não planejada, seguida de rotina e comodidade. Então surge a necessidade de construir um trabalho onde possa-se perceber como é feita a escolha profissional entre os sujeitos da EJA, de forma que seja possível verificar os fatores determinantes da escolha. Assim, temos aqui constatações que vão além do esperado, pois essa turma de EJA é composta essencialmente por jovens. A abordagem foi quantitativa, pois as análises foram feitas de cada resposta a fim de mensurar os conteúdos nela propostos. Foi possível perceber que a influência familiar no ato da escolha profissional é o fator determinante com força maior na vida desses adolescentes.

Palavra-chave: Orientação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, escola, mundo do trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu Senhor Jesus, que me fortalece e me constitui todos os dias. À minha mãe, que com sua doçura me ensina a viver e à minha irmã, que é sinônimo de cumplicidade para mim. Eu amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço pois sei que sozinha é impossível trilhar este caminho. Sou muito agradecida a Deus que me concedeu o Seu filho, Jesus Cristo, que nessa caminhada se faz sempre presente, sendo único e inestimável, enchendo meu coração de amor e esperança, sem deixar que eu esmoreça mas pelo contrário, iluminando meus caminhos.

Agradeço a minha mãe, Cleci Dorneles de Moraes, por todas as horas dedicadas e tudo que foi negado para que por mim fosse feito o melhor, demonstrações de afeto e carinho sempre tão presentes, me tornam alguém sempre melhor. Agradeço a minha irmã, Tatiana Dorneles de Moraes, às longas conversas, à toda cumplicidade, à todo cuidado e carinho, onde sempre aprendi e me inspirei. Amo vocês, mana e mamãe!

Agradeço aos amigos mais lindos dessa vida, que sempre e sempre buscam e me fazem buscar palavras de aconchego e carinho. São eles: Fernanda Cristinny, Deborah Mateus, Letícia Freitas, Elise Mary, Rafaela Rocha e Gabriel Mancine. Da nossa cumplicidade somente nós sabemos e não tenho palavras para agradecer como vocês me aproximam de Deus fazendo perceber seu grande amor para comigo e como isso os torna cada vez mais especiais para mim. Obrigada por tudo, irmãos.

Agradeço ao meu noivo, João Paulo Cavalcanti, que com sua infinita paciência me torna alguém melhor. Me faz ver que a vida pode ser encarada de forma leve e o melhor, de forma engraçada. Seu sorriso me alegra e eu sou muito mais alegre ao seu lado, meu amor. Sua força de vontade me inspira e somos mais fortes quando juntos. Obrigada por ter me ajudado a caminhar até aqui.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Educação - FE que passaram pelo meu caminho, principalmente ao professor Renato Hilário que com grande amor pelo que faz me encantou desde o primeiro contato. Também à professora Nirce Ferreira que com responsabilidade me ensinou mais do que possa imaginar sobre a Educação de Jovens e Adultos e seus desdobramentos. Agradeço imensamente à professora Maria da Conceição, por ter abraçado minhas ideias e ter tornado possível esse sonho.

E não posso deixar de agradecer à Igreja que Deus me deu. Onde sei que posso me apoiar e me amparar. Pessoas extremamente especiais simplesmente por acreditarem

e buscarem a Jesus, o modelo mais lindo e perfeito de todos. Tais pessoas que oro e sei que nesse exato momento alguém também ora por mim.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata da escolha profissional dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Nossa preocupação é com os fatores que interferem a escolha desses sujeitos e com a dimensão do trabalho na vida das pessoas.

Para realizar o trabalho vamos contextualizar historicamente a EJA que acolhe a diversidade de sujeitos em condições sócio-econômico-culturais variadas, além das diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem.

De acordo com a Secretaria de Educação do Distrito Federal- SEDF, o objetivo da Educação de Jovens e Adultos - EJA é promover a escolarização de pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram acesso ou interromperam seu processo formativo escolar, através de uma prática voltada para as especificidades e diversidades dos sujeitos que se pretende atender, de forma que este processo esteja em consonância com os outros espaços em que eles estão inseridos, trazendo assuntos do cotidiano e atividades correlacionadas com os mesmos.

A grande quantidade de jovens fora da escola e adultos analfabetos por motivos tais como evasão, trabalho precoce e repetência, são fatores que tornam necessário um resgate e restabelecimento dessa população no contexto escolar. Portanto foi necessário que a EJA se concretizasse politicamente, o que ocorreu a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB publicada em 1996 (Lei nº 9.394/96 – art. 37 – Da Seção V – “Da Educação de Jovens e Adultos”), que configurou a EJA em uma modalidade da educação básica e definiu o Estado como responsável pela garantia do direito de jovens e adultos à educação. A Secretaria de Educação do Distrito Federal SEDF concebe o currículo como um processo de construção social. Resgata o conceito de educação integral que visa criar por meio da educação condições para que as crianças, jovens e adultos se humanizem, apropriando-se da cultura, entendida como produto do desenvolvimento histórico humano. (Currículo em Movimento da Educação Básica – pressupostos teóricos, p.21)

Durante a participação no projeto de acompanhamento socioeducativo de adolescentes na UAST – Unidade de Atendimento Socioeducativo de Taguatinga, por meio do Genpex – Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais composto por professores, alunos e a comunidade em prol de estudos que visem a qualidade da educação. Quando atuante nesse grupo, foi percebido a necessidade de orientação vocacional e profissional que os adolescentes sentem frente ao mercado de trabalho. O assunto surgia de diversas maneiras em depoimentos que direcionavam o tema para o mercado de trabalho como sendo parte do momento anterior a um ato infracional, ou seja, o mercado de trabalho anteriormente não foi favorável a eles, de forma que fosse também um impulso para cometer o ato. Também posteriormente, sendo a dificuldade de recuperação da liberdade e emancipação do sujeito pelo trabalho, por ter um passado ou uma ficha relacionada a um ato infracional.

Portanto, a necessidade de trabalhar a Orientação Profissional ficou evidenciada e começou-se a criar um projeto para execução na escola em que parte dos adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas da Unidade de Atendimento de Semiliberdade de Taguatinga – UAST estudam, no qual participam da modalidade de ensino EJA no Centro Educacional 02 de Taguatinga. A pretensão deste trabalho é desenvolver uma reflexão em torno do ato de escolha profissional dos alunos da EJA desta escola, sem distinção entre os adolescentes que cumprem medidas socioeducativa ou não, e compreender como o trabalho de Orientação Profissional está inserido nesse processo.

Para contextualizar a noção de Orientação Profissional, citamos Soares (2009) que diz:

“Existe a melhor escolha possível em determinado momento de nossa vida e em determinadas condições. Estas podem ser políticas, sociais, econômicas e familiares, mas são as vivenciadas naquele momento e por isso definem nossas possibilidades. Como as condições mudam, num outro momento da vida, nossa escolha poderá ser diferente. Portanto, a escolha nunca é definitiva, é sempre passível de ser refeita!” (SOARES, 2009, p. 14).

O problema é compreender como é feita a escolha profissional entre os sujeitos da EJA na escola. Assim, a questão norteadora que impulsiona o estudo e busca torná-lo

relevante e significativo socialmente é “quais fatores influenciam a escolha profissional dos alunos da EJA?”

Objetivos

O *objetivo geral* deste trabalho é analisar os fatores determinantes da escolha profissional dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Objetivos específicos:

- Identificar as percepções dos alunos da EJA acerca da escolha profissional.
- Descrever os fatores econômicos, sociais, familiares e culturais que compõem a escolha destes alunos.
- Verificar quais os anseios dos alunos da EJA em relação às suas expectativas profissionais.

Metodologia

Este trabalho disporá do método quantitativo a fim de responder às questões norteadoras, com o intuito de gerar reflexão e na realidade em que será feito o trabalho, com foco no objetivo principal que é analisar os fatores determinantes da escolha profissional dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

A intenção inicial é trabalhar de maneira quantitativa para que seja possível dimensionar alguns dados em relação ao objetivo geral e, principalmente dos objetivos específicos e, deste modo conseguir descrever de forma clara os fatores determinantes da escolha profissional.

Utilizamos como meio de pesquisa um questionário, elaborado com base nas questões levantadas a priori, sendo então passadas por um processo de validação e só então estando aptos para aplicação. A aplicação foi feita de forma coletiva, e a análise dos dados foi feita por meio de conteúdo escrito. A análise dos dados e o aparecimento dos mesmos neste trabalho não sofreram alteração semântica nem ortográfica.

PARTE I – MEMORIAL

Tudo estava planejado, uma família em busca de sua estruturação e completude. Meu pai, Valter Ribeiro de Moraes, que até então era pai de uma única filha, minha irmã, Tatiana Dorneles, até que nasci em 1992, filha caçula. Pude desde cedo, se é possível, aprender a lidar com a morte, pois quando estava com um ano e oito meses de vida meu pai faleceu de acidente de carro. O acidente que levou a estrutura da família embora, mas não a esperança na vida. Se ele era uma pessoa maravilhosa, porque não pude ter o prazer de conhecê-lo?

Questionei muitas vezes a Deus e por vezes não entendia porque comigo. Em datas comemorativas ou trabalhos escolares eu não entendia o porquê do Dia dos Pais. Então um dia, certa professora percebeu minha tristeza na sala e falou: “se você não tem pai, sua mãe será ‘pãe’. Pai e Mãe.” E a minha mãe, Cleci Dorneles de Moraes, realmente o fez e deu conta do recado. Assim fez maravilhosamente bem. Percebo que essa ausência paterna me constituiu para ser o que hoje sou, minhas sensibilidades e forças, e a proximidade que essa perda nos deu com Deus como família, me permite dizer que hoje meu pai é Ele. Assim que Ele me trata, assim que eu O trato e assim que é.

Minha mãe, sinônimo de mulher guerreira, não abandonou tudo. Deve ter pensado várias vezes em desistir, pois muitas vezes a vi chorar, mas nunca a vi desistindo de fato da nossa família e principalmente da nossa educação. A pessoa que eu conheço que mais trabalhou e trabalha nessa vida. A pessoa mais simples, correta e honesta que eu conheço. E foi nesse lar que eu cresci. Minha irmã mais velha quatro anos e sete meses por muitas vezes foi responsável por meus maiores conhecimentos da vida, algumas aulas de inglês particulares, explicando o que era verbo “tobe” ou como soletrava “b-e-a-u-t-i-f-u-l”.

Foi nesse contexto que decidimos abrir uma “escola familiar”, posso assim chamar. Tínhamos muitas turmas, com chamadas, notas, alunos imaginários e tudo o mais. Minha primeira experiência profissional era também uma das brincadeiras mais deliciosas da minha infância, que acredito toda garota (principalmente) passar. A valorização da professora, a visão idealizada e a afirmação do poder.

Inicialmente estudei na Escola Classe 08 do Cruzeiro, localizada no Octogonal. Depois, as séries iniciais do ensino fundamental fui para a Asa Sul naEC 314 Sul. Nas

séries finais do ensino fundamental fui para o Polivalente, escola pública na época considerada a melhor e mais conceituada de Brasília. E assim foi, até que consegui uma bolsa na escola NotreDame, dessa vez particular. Nesse choque de escola pública com particular, não consegui acompanhar o ritmo e reprovei o 1º ano do Ensino Médio. Fiz um supletivo e consegui recuperar. Continuei os estudos até 2009 nessa escola.

Ao ser aprovada pelo PAS (Programa de Avaliação Seriada) no 1º/2010 no curso de Pedagogia percebi que meu sonho de criança iria ser palpável. Frases como “Eu amo criança”, “Ensina a criança no caminho que se deve andar e ela não se desviará dele” me guiaram no início do curso e o sonho foi se tornando concreto e começou a época de estágios. No 3º/2011 fiz meu estágio em educação infantil e foi chocante, frustrante e a uma crise acadêmica estava instalada. O que fazer quando seu sonho quando se concretiza não é mais seu sonho?

Não sei se alguém já passou por isso, mas eu tinha caído em uma cilada criada por mim. De fato eu amava criança, mas será que eu amava trabalhar com crianças? Pensei não gostar mais da educação, mas algo em mim dizia para continuar e insistir. Nessa busca dentro da Pedagogia por algo que não fosse Educação Infantil, tive dificuldades.

Mas logo encontrei um grupo, o Genpex – Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão, que de fato agregou na minha experiência de vida, me mostrando algo diferente do comum: a Educação de Jovens e Adultos, que até então, nunca havia sido dito ou apresentado a mim. Dentro do leque de possibilidades do curso de Pedagogia, escolher essa temática tão cheia de outros leques foi esperançoso e motivador. Em 2011, participei por um ano do projeto de acompanhamento socioeducativo de adolescentes em conflito com a lei, na Unidade de Atendimento de Semiliberdade em Taguatinga – UAST coordenado pelo Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – Genpex. Este grupo é orientado pelo professor doutor Renato Hilário dos Reis, o mesmo foi criado em abril de 2000, e está devidamente registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico – CNPq e na Universidade de Brasília – UnB, faz parte do Departamento de Métodos e Técnicas – MTC da Faculdade de Educação – FE. Este grupo Genpex, possui três frentes de atuação: 1) Educação de Jovens e Adultos no Paranoá, em parceria com o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá – CEDEP; 2) Educação de Jovens e adultos articulada com a formação profissional, na Ceilândia – DF; e 3)

Acompanhamento socioeducativo com adolescentes em conflito com a lei em Taguatinga – DF.

O último citado fez parte da minha trajetória acadêmica, onde de fato agregou conhecimento formal e informal a mim. Este foi supervisionado pela professora Nirce Ferreira. Neste tempo o projeto do Genpex se relacionava às mídias sociais frente à constituição do sujeito: amor-poder-saber (REIS, 2011). Contudo por motivos políticos e burocráticos com a Secretaria de Justiça não foi possível dar o encaminhamento necessário para a efetivação deste projeto.

Nesse período foi possível perceber um discurso onde o mercado de trabalho sempre se fazia presente, essa questão foi fazendo sentido para mim e fui percebendo a necessidade de trabalhar as questões que são inerentes à Orientação Profissional com esses adolescentes. Os adolescentes que ali passaram estudam em sua grande maioria no Centro Educacional 02 de Taguatinga. E começamos, pouco a pouco, a conhecer essa outra realidade.

Entre idas e vindas comecei o estágio nessa escola, a fim de motivar, incentivar e construir com os alunos da Educação de Jovens e Adultos um conhecimento sobre o que, de fato, os angustiavam (mercado de trabalho) e assim começa a história de alguém que encontrou seus caminhos dentro do seu curso, podendo ser capaz de desenvolver com competência o que lhe for designado.

PARTE II – MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1 – A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

1.1 – Breve histórico

A concepção de orientação para o trabalho é algo que não acontece apenas de alguns anos para cá. Segundo Bock (2006) é possível perceber que, desde o tempo dos ancestrais da humanidade havia a necessidade de trabalho pela sobrevivência e o que poderia diferenciar funções era a questão do sexo, onde a tarefa do homem era determinada para as atividades relacionadas à caça, enquanto a mulher cuidava dos filhos e das funções domésticas. Nesse contexto é possível perceber que não havia escolhas.

No período da Grécia antiga, o trabalho era ainda priorizado para a produção de meios de sobrevivência e apenas aqueles considerados não livres trabalhavam, enquanto os livres viviam o ócio. Já no período do feudalismo, na Idade Média, o que determinava a classe social era mais especificamente a família em que se nascia, fazendo imperar o conceito de vocação, como “chamado divino”, pois predominava o domínio religioso. No contexto econômico, o que era produzido servia para o próprio sustento e, como não havia o comércio, predominava a troca de bens pelo seu valor de uso. Por outro lado, o artesão era dono de seus instrumentos e objetos, com um grau cada vez maior de necessidades de trocar seus produtos por outros para sua sobrevivência.

A escolha profissional só assume relativa importância quando, de forma definitiva, instala-se o modo de produção capitalista. “A passagem do feudalismo para o capitalismo marca mudanças importantes no modo de produzir e reproduzir da existência humana.” (BOCK, 2006, p. 26). Isso mostra que a produção não era mais para a sobrevivência, mas estava-se instalando um novo modo de produção visando o lucro. Nesta nova base produtiva capitalista os trabalhadores perdem o vínculo de servidão e podem vender a força de trabalho de forma livre, conforme a sua capacidade, de acordo com a abordagem do liberalismo.

As técnicas de trabalho e as especificidades de cada indivíduo aparecem com os pensamentos do Iluminismo e, posteriormente, no início da Revolução Industrial, que mostraram algo a respeito das singularidades dos sujeitos. Especificamente, com o avanço do industrialismo cresce a necessidade de seleção das pessoas para os postos de trabalho. Neste contexto, o desenvolvimento da psicologia aplicada ajudou, com a busca da precisão dos testes de seleção para que cada pessoa de fato fosse introduzida em sua determinada área de domínio e realidade. Surge em 1902 o primeiro centro de orientação profissional em Munique, na Alemanha. Segundo Bock, a concepção liberal de escolha profissional que surge a partir do avanço do capitalismo, traz consigo a justificativa para o fracasso como resultado de uma má escolha profissional, ou seja, a escolha é vista como um ato individual, de responsabilidade única do indivíduo, sem considerar o contexto em que o mesmo realiza a escolha.

Bock explicita que, ao longo dos anos, a Orientação Profissional percorreu correntes teóricas que foram se firmando ou não a medida que foram sendo estudadas. Para este autor, são três teorias que buscam explicar os processos e as etapas pelos quais a pessoa passa no momento da escolha profissional, a saber: Teorias Não-psicológicas, Teorias Psicológicas e Teorias Gerais. A primeira afirma que fatores externos são o peso da escolha, ou seja, o sujeito não escolhe, é o acaso que determina a escolha. A segunda, composta pelas Teorias Psicológicas que afirmam serem os fatores totalmente internos do sujeito o que iram pesar. A terceira, Teorias Gerais afirma que aspectos tanto psicológicos quanto aspectos socioeconômicos tem forte peso no que tange à escolha profissional.

As Teorias não-psicológicas dificilmente influenciam no processo de escolha, pois consideram que seriam apenas as forças de ordem externa que estariam compactuando com o momento de escolha.

No entanto, as Teorias psicológicas possuem quatro correntes sendo a primeira delas a Teoria de traço e fator, sendo esta a que iniciou a construção da área da orientação profissional. Tal teoria aproxima-se de uma análise clínica, com o uso dos testes psicológicos. Entende-se que estes facilitariam para o indivíduo exercer o ato de escolha, conhecendo as habilidades, ter clareza de suas aptidões permitindo que possa identificar as atividades que pode desenvolver tendo assim um êxito total na escolha profissional. As Teorias psicodinâmicas por sua vez explicam esse processo fazendo com que o indivíduo entenda a constituição de sua personalidade, e como isso possa se correlacionar com alguma profissão. Essas teorias tem por base e fazem uso de grande

parte de teorias de Freud, lembrando do período de afetividade e suas relações estruturadas ainda na infância.

No campo das teorias psicológicas, apresenta-se a corrente desenvolvimentista e as teorias decisoriais. A primeira explica que ao longo da vida o indivíduo pode desenvolver habilidades e assim concretizar uma escolha de acordo com o desenvolvimento. E por fim, a teoria decisoria explica a questão da razão no momento da escolha, sendo dividida em três etapas que são elas: preditiva, avaliativa e decisória, conseqüentemente. A primeira etapa da teoria decisoria prediz as conseqüências de cada profissão, a segunda etapa avalia se de fato se quer participar dessas conseqüências e a terceira é explicativa, o indivíduo deve decidir (BOCK, 2006, p.36).

No âmbito das Teorias gerais, os aspectos psicológicos e socioeconômicos determinam o ato de escolher. O autor que explica o conteúdo desta teoria é Blau (1976, citado por BOCK, 2006, p. 37-39) e na sua concepção o desenvolvimento da personalidade e as condições socioeconômicas são implicadas pela estrutura social que pré-determina o processo de escolha, assim entende que a personalidade é definida e construída na infância e a seleção profissional está sempre em processo.

Bock (2006) faz uma reanálise e uma nova classificação das teorias de Orientação Profissional, a fim de contextualizar a abordagem sócio-histórica, e que foi linha de pensamento para elaboração deste trabalho. Primeiramente identifica-se as teorias classificadas como tradicionais, que permeiam a ideia de que o indivíduo, e somente ele, tem a possibilidade de garantir a melhor escolha para que a sua realidade possa ser alterada, e assim garantir uma melhor condição de vida. As teorias tradicionais têm como base estruturante o modelo de perfis profissionais e perfil de pessoas. As teorias de cunho tradicional são de abordagem liberal, que significa dizer a liberdade está posta ao indivíduo de forma que ele tem autonomia para escolher e tem os seus direitos assegurados em lei.

Enquanto a teoria tradicional responsabiliza o indivíduo pelo seu sucesso, a teoria crítica localiza o sujeito em uma lógica capitalista onde a realização profissional e o sucesso estão muitas vezes em segundo plano, ou seja, deposita a escolha profissional apenas na classe dominante. E, por fim, as teorias para além da crítica, com a abordagem sócio-histórica que possuem uma perspectiva diferenciada, não apenas com perfis profissionais e pessoais, mas considerando as multifunções humanas de forma a agregar em diversas profissões. Nestas últimas teorias se situa a teoria sócio-histórica que será a base teórica escolhida para fundamentar este trabalho.

1.2 Abordagem sócio-histórica

A abordagem sócio-histórica indaga a respeito da criação de modelos de perfis profissionais e pessoais seguido nas teorias tradicionais, mas não radicaliza como a teoria crítica, onde as profissões e as pessoas continuam sendo fragmentadas e consequentemente ficam distantes da realidade da escolha profissional.

Na perspectiva da abordagem sócio-histórica, descrita por Silvio Duarte Bock, as profissões estão em constante mudança e as pessoas também, ou seja, não há como ter modelos previamente definidos que se baseiam em profissões pré-determinadas, sendo que as mesmas futuramente não serão iguais, pois devemos considerar o ritmo dos avanços tecnológicos sobre a estruturação das profissões no mundo do trabalho.

Em relação à liberdade de escolha, é considerado o olhar para a situação do indivíduo na sociedade, conforme Bock (2006):

“[...] Quando se diz que o indivíduo escolhe e não escolhe sua profissão ao mesmo tempo, está se tratando da questão da liberdade de escolha. De acordo com a classe social de origem do indivíduo, ele tem mais ou menos liberdade para decidir[...]”
(BOCK, 2006, p. 69)

Ao perceber que todo indivíduo faz construções mentais sobre profissões, a abordagem sócio-histórica vai além da relação entre o indivíduo e a profissão, e para isso busca contextualizar para compreender como se dão os processos de escolha profissional, em que momento a pessoa se identifica ou não com essa ou aquela profissão.

Nesse contexto, Bock faz uso das teorias de Bohoslavsky (1977), que mesmo não tendo sido um teórico dessa abordagem, pode contribuir com os seus pensamentos a respeito da orientação na abordagem clínica. Bohoslavsky caracteriza as construções feitas como aquelas vivências do sujeito feitas em qualquer ambiente, mas principalmente o ambiente familiar. É percebido que quando uma pessoa pensa em alguma profissão, ela associa a alguém ou a algum status ou à alguma situação vivenciada. Isso chama-se personificação das profissões, ou seja, um futuro personificado onde a pessoa se enxerga em alguma situação profissional, mas baseado nas perspectivas vividas e nas memórias construídas, mesmo que de forma inconsciente. O que leva o fato da escolha profissional ser para além do abstrato, ou seja, algo que possui uma imagem para cada indivíduo.

Com isso, a pessoa cria imagens de cada profissão e principalmente, se identifica com algumas. Não são necessariamente imagens corretas ou errôneas porque são

construídas ao longo das experiências vivenciais de cada pessoa, um contato apenas com alguma situação, e isso explica o fato de que vários perfis de pessoas podem escolher a mesma profissão e como pessoas com perfis similares podem escolher profissões diversas.

O autor explana agora um novo conceito de orientação profissional que contextualiza o indivíduo em sua história de vida, onde ninguém é absoluto responsável por essas construções, elas apenas acontecem de forma natural e espontânea. Em casos isolados a pessoa sabe até o fato que a leva a admirar alguma profissão, em outros casos julga apenas o fato de identificação naturalizada, sendo que em algum momento ou alguém a faz tornar aquilo admirado.

Nessa nova concepção para a orientação profissional, os perfis profissionais e pessoais diferentes são valorizados pois enriquecem a construção da escolha, e a diversidade é vista também como estratégia no que tange a interdisciplinaridade, fazendo perceber que de fato a escolha profissional atravessa campos de diversas áreas de conhecimento, que por fim levará a pessoa até a reflexão mais abrangente possível acerca das consequências e os motivos que a levam a tal profissão.

1.3 A escolha profissional nas classes pobres

Diante do quadro da abordagem sócio-histórica, com uma perspectiva de olhar o sujeito inserido no ambiente social, será feito um recorte. Esse recorte diz respeito às classes de baixa renda que conforme Bock (2010), podemos classificar como classes pobres, tendo como base as classes sociais não privilegiadas. Com isso é possível encaixar este tema no presente trabalho.

A base dos estudos propostos por Silvio Duarte Bock a respeito da escolha profissional para classes pobres é fundamentado no Materialismo Histórico Dialético – os acontecimentos históricos encontram base explicativa nos fatores econômicos, políticos, sociais – porém agregado à psicologia histórico-cultural de Vygotsky, atrelando a escolha a um conjunto composto por relações sociais e históricas. Em relação a isso, Soares (2009) diz que a escolha profissional sofre influências sociais,

psicológicas e familiares, que fazem com que o indivíduo não considere apenas suas preferências, mas também as das pessoas que estão a sua volta.

Dessa forma, a escolha profissional passou a ser vista para além do sujeito que escolhe e não escolhe ao mesmo tempo, mas “para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas e sociais no qual está inserido.” (BOCK, 2010, p.48)

A trajetória do indivíduo é vista então de forma pessoal, podendo fazer inferência das escolhas agora percebendo o seu grupo social, as experiências vividas, os valores e todo o conjunto de significações do mesmo. Para Bock, a base da escolha parte da noção de subjetividade social, significado e sentido subjetivo.

Relacionando a conceituação de escolha com as classes de baixa renda, é possível perceber que as escolhas serão feitas da mesma forma, caracterizando o sujeito como parte do meio que está inserido e assim o meio social também está inerente ao sujeito de forma que as profissões a serem almejadas serão de âmbito social, considerando que o jovem almeja ser como o adulto que ele admira e tem como exemplo em seu convívio, sendo alguém com características desejáveis como por exemplo: honesta, bem-sucedida, batalhadora etc.

Dessa forma, Bock concluiu em sua pesquisa que os sujeitos de classes pobres exercem a escolha profissional de forma diferente de sujeitos da classe média. Sendo que esses não escolhem profissões que estão atualmente em ascensão ou “modinha”. Esses fazem suas escolhas muito mais baseadas na realidade do cenário, e por vezes não prestigiam profissões muito almejadas e concorridas nos concursos de vestibulares, por acreditarem que não serão capazes ou que apenas não há meios para que se alcance essa profissão ou para aproveitar a oportunidade e sair da situação de pobreza.

1.4 Fatores determinantes da escolha

A escolha é por vezes carregada de circunstâncias que acompanham o indivíduo até que se chegue naquele momento. A orientação profissional é melhor executada se considerado o fato de que o indivíduo sofre condicionamentos da classe social em que está inserida e as referências familiares. Por muitas vezes o indivíduo não pode se quer falar o que pensa, por ser oprimido e desconsiderado. O sujeito, entretanto, dentro do seu leque de possibilidades é capaz de escolher, tornando a possibilidade de escolha relativa como sendo sua realidade.

Diante do modelo de produção vigente, o capitalista, Soares (2002) faz referência a três instituições que afirmam esse sistema, a escola, a família e os grupos sociais. Essas três instituições são responsáveis por fatores que interferem na escolha, independentemente da idade ou classe social. São eles: fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos.

Segundo Soares (2002, p. 45): “Os fatores políticos referem-se especialmente à política governamental e seu posicionamento perante a educação em especial o ensino médio, pós-médio, ensino profissionalizante e universidade”. É certo que no período do Regime Militar a crise educacional estava sendo instalada, pois a defasagem de qualidade entre o Ensino Superior e o Ensino Fundamental e Médio criou um obstáculo na educação brasileira, a partir do momento em que muitas vagas foram abertas para o nível superior de ensino de qualidade e no ensino básico houve complicações de cunho também político, como por exemplo, as Secretarias de Educação que eram então assumidas por empresários e pessoas aleatórias à educação pública de qualidade. A educação por vezes era repressiva e autoritária a fim de conceber a segurança nacional, como sendo mão-de-obra para o mercado; o desenvolvimento econômico e a integração nacional. A autora retrata que ao longo dos anos o sistema político sempre esteve desinteressado com a educação passando a agir de forma opressora e então, nesse cenário passou a ser tratada e vista como mercadoria e assim tratada como parte do capital, para o lucro.

O fator econômico é definido da seguinte maneira:

“Os fatores econômicos referem-se ao mercado de trabalho, à globalização e à informatização das profissões, à falta de oportunidades, ao desemprego, à dificuldade de tornar-se empregável, à falta de planejamento econômico, à queda do poder aquisitivo da classe média e a todas as consequências do sistema capitalista neoliberal no qual vivemos.”
(SOARES, 2002, p. 45)

Assim, começa por ver a escola como parte do sistema de capital, criando desta forma um cenário de difíceis construções educacionais. Há também o fato de que o estudante trabalhador está em desvantagem, e é constantemente percebido, pois não há tempo para que execute as atividades do trabalho nem da escola efetivamente, e se encontra com dificuldades, pois o tempo de trabalho interfere nos estudos. Outro fator relacionado ao estudante trabalhador é que muitas vezes o seu estudo não se relaciona com seu trabalho e vice-versa, de forma que tudo fica fragmentado e deslocado, dificultando o processo de aprendizagem. Devido à globalização, surge com mais força

crise do mercado de trabalho, onde não há emprego para todos os capacitados, e subempregos ficam para pessoas das classes sociais de baixa renda, que se encontram em situações de risco. Esse processo faz com que o capitalismo se afirme e cause alienação na sociedade, pois por causar passividade nas pessoas que possuem emprego, tende a gerar também a dependência e a diminuição do piso salarial. O fator econômico restringe as perspectivas individuais, que por vezes poda as habilidades e a criatividade dos sujeitos.

“Os fatores sociais dizem respeito à divisão da sociedade em classes sociais, à busca na ascensão social por meio do estudo (curso superior), à influência da sociedade na família e aos efeitos da globalização na cultura e na família.” (SOARES, 2002, p. 45). Nesse trecho, Soares nos diz que, primeiramente, desde o nascimento a pessoa está envolvida na sua família, o que a torna participante de um meio que pode ser favorável ou não, mas que serve como ponte com a sociedade, isto é a capacidade que a família possui de construir influências e anseios sobre o sujeito em questão. Mas não a família por si só, mas as influências que a própria família sofre da sociedade como reprodutora do modelo capitalista de produção.

Referente aos fatores educacionais, Soares (2002, p.45) diz que:

“Os fatores educacionais compreendem o sistema de ensino brasileiro, a falta de investimento do poder público na educação, a necessidade e os prejuízos do vestibular e a questão da universidade pública e privada de uma forma mais geral.”.

A partir do histórico brasileiro, que em termos de educação, nos traz dados reais que podem ser observados pelos dados atuais do IBGE. Em 2011 16,3% dos adolescentes entre 15 e 17 anos não estavam estudando – isso representa 1,7 milhão de pessoas. Além de dados evidentes é possível perceber que esses números revelam uma falta de investimento e priorização da educação por parte do poder público. O caminho que a educação vem traçando durante a história do Brasil, não prepara o sujeito para o mercado de trabalho quando deveria fazê-lo. De forma que o indivíduo fica submetido àquele molde e não consegue sair daqueles padrões exercidos. Nesse contexto há um histórico de valorização de cursos profissionalizantes que ao longo dos anos foram percebidos como ineficientes, pois o sujeito saía do curso e não se sentia apto para exercer determinada profissão. No âmbito educacional também é percebida uma dificuldade frente ao ingresso nas Universidades, o vestibular, que com suas especificidades é capaz de segregar e criar fortes influências perante os indivíduos que o

fazem como forma de ingresso e entre seus pais. Um conceito que não é capaz de tornar igualitário o ingresso nas Universidades.

São identificados ainda como os fatores familiares e psicológicos, sendo eles respectivamente:

“Os fatores familiares impõem à família uma parte importante no processo de impregnação da ideologia vigente. A busca da realização das expectativas familiares em detrimento dos interesses pessoais influencia na decisão e na fabricação dos diferentes papéis profissionais. Os fatores psicológicos dizem respeito aos interesses, às motivações, às habilidades e às competências pessoais, à compreensão e conscientização dos fatores determinantes versus a desinformação à qual o indivíduo está submetido.” (SOARES, 2002, p. 45)

Os fatores familiares atuam de duas formas, pela lógica de reprodução e pela lógica de diferenciação. Essas lógicas são construídas a partir da relação dos pais do jovem com suas respectivas profissões. É simples: a família é satisfeita com sua profissão então deseja que o aluno a siga de forma a ser bem sucedido ou tão realizado quanto, reproduzindo seus moldes. Se a família não está satisfeita, então a lógica é de diferenciação, desejando que seus filhos reproduzam aquilo que eles não foram capazes de ser, ou que por status consideram a profissão que possa trazer ascensão na renda familiar.

Agradar a família é um fator tão inconsciente e tão ingênuo que torna o status de uma profissão para aquela família uma verdade recebida pelo jovem, e que nesse processo de escolha acaba tornando relevante considerar tais conceitos levantados pela família. Resultando, assim, em detrimento da escolha pessoal frente à escolha feita pela família. Segundo Soares (2002, p.80):

“O mundo familiar, portanto, pode levar uma pessoa a escolher um destino diferente daquele para o qual se sente inclinado a viver, em razão de sua inserção em determinado tipo de família. A necessidade de sentir-se amado na família leva-o a agir dessa maneira, na maioria das vezes inconscientemente.”

A posição entre os filhos também é considerada, pois naturalmente o filho mais velho carrega responsabilidades e anseios maiores do que os filhos caçulas, que são vistos assim somente em casos de “salvação” daquilo que ainda não foi conquistado pela família, principalmente pelos pais.

O conhecimento das habilidades pessoais (autoconhecimento) é inerente aos fatores psicológicos, pois os alunos raramente são levados a construir esse

conhecimento nas escolas, pouco se leva o aluno a refletir sobre suas habilidades e suas preferências e gostos. É necessário que o aluno explore sua subjetividade. A família novamente aparece como forma refletora dos pensamentos e das escolhas possíveis, por muitas vezes é a motivação inconsciente que os sujeitos carregam.

Os seis fatores determinantes apresentados por Soares (2002): políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos, estão todo o tempo presentes no cotidiano e não são vistos de forma separadas, sendo assim, estão correlacionados e são carregados de pontes que traçam pensamentos dos jovens e que diversas vezes não são percebidos se quer pelos mesmos.

CAPÍTULO 2—A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 O que é Educação de Jovens e Adultos?

Segundo a Secretaria de Educação do Distrito Federal, “A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade da educação básica destinada aos jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no ensino fundamental e no ensino médio”. Alinhado com essa afirmação da SEDF, o documento elaborado no XX Encontro de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadora do DF, no ano de 2011, define em um de seus parágrafos o seguinte sobre a EJA:

“[...] O exercício do princípio formador CRIATIVO do TRABALHO na diversidade de idade, de gênero, das relações etnicorraciais, do meio ambiente, do meio urbano, do campo, com necessidades educacionais especiais, com vulnerabilidade social e pessoal e dos sujeitos nos centros de medida socioeducativas e sistema prisional.” (GTPA FÓRUM/EJA, 2011, p. 1)

A idade mínima determinada para ingresso no Ensino Fundamental é de 15 anos e no ensino médio é de 18 anos. A EJA é dividida em três segmentos: o primeiro é referente ao ensino fundamental dos anos iniciais. O segundo destinado ao ensino fundamental anos finais e o terceiro segmento destina-se ao ensino médio.

Segundo os dados do IBGE, em 2010 o Brasil apresentava um quadro de 45.357.244 crianças e jovens de 4 a 17 anos fora da escola. Ao mesmo tempo, não é possível afirmar que os estudantes matriculados no ensino regular estão devidamente alfabetizados. O IBGE de 2000 identificou a quantidade de 16.294.889 analfabetos maiores de 15 anos no Brasil. O contexto atual revela que o número de habitantes do Distrito Federal de 15 anos ou mais na situação de não alfabetizados é de 63.754 (Censo IBGE/2010). O número de habitantes do DF nessa faixa etária é de 1.961.667, ou seja, 3,25% significa o índice de analfabetismo de jovens nesta região.

Para a abordagem da Educação de Jovens e Adultos, REIS (2011) escreve em “*A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos*” deixa claro, com base em depoimentos de histórias vividas, que a conquista pelo espaço dessa modalidade de ensino de forma legal é uma conquista histórica e social. Considerar a história de lutas e movimentos sociais em prol da educação na EJA se faz muito importante para compreender o funcionamento dessa modalidade de ensino em sua efetividade.

Essa ideia é completada por Arroyo (2005) que em geral diz que a EJA se constitui hoje no Brasil como uma reparação a dívida social (isso porque pode-se dividir o Brasil em alfabetizados e analfabetos).

Juntamente com esse caminho de movimentos sociais, a EJA enfrenta caminhos por vezes radicais, por ter uma luta também voltada aos direitos humanos. Quando o sujeito que estava oprimido avança, e identifica o seu opressor, e quando isso ocorre coletivamente surge a demanda social, pois os sujeitos:

“Se descobrem excluídos da totalidade de direitos que são conquistas da condição humana. Excluídos dos direitos humanos mais básicos, onde se jogam as dimensões mais básicas de vida e da sobrevivência [...] Essa realidade de opressão e de exclusão de saberes e as pedagogias dos oprimidos passaram a ser os conteúdos, conhecimentos e saberes sociais trabalhados nas experiências de EJA.”. (ARROYO, 2001, p. 229)

Considerando a obra de Reis (2011) *A constituição do ser humano*, em relação com a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, tem-se um canal para explicar os caminhos que levam à emancipação da Educação de Jovens e Adultos. Reis e Freire defendem que a alfabetização não é só ler, escrever e calcular, mas, colocam o pressuposto da inserção adequada da pessoa na sociedade, enquanto sujeito atuante, participativo e emancipado.

2.2 Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho

A relação dos sujeitos educandos da EJA com o trabalho é de fato uma questão a ser levantada nesse trabalho. A relevância de se trabalhar assuntos que fazem parte da realidade dos sujeitos é indiscutível, de forma que faça sentido e afetivamente o aluno seja capaz de incorporar ao seu contexto e aprender.

Nesse sentido, pode-se relacionar EJA e mundo do trabalho:

“Na EJA o trabalho é uma questão muito presente. Seja porque os alunos estão tentando manter seus empregos, seja porque estão procurando se qualificar para conseguirem um, seja porque acreditam que só com educação poderão consegui-lo mais adiante. Mesmo os jovens que nunca tiveram essa experiência atribuem grande importância à escola para conseguirem uma profissão.” (GONÇALVES, 2012, p.39)

Os alunos, especialmente da EJA, possuem conhecimentos prévios de grande valia para o aprofundamento dos saberes escolares fazendo com que a riqueza de troca

de ideias aconteça nas salas de aula. Isso é valorizar a história de vida e conseqüentemente o sujeito e suas experiências, que não se separam. A partir do momento em que se percebe que o conhecimento não é algo único e exclusivo da ciência e sim algo que se constrói na interação e coletivamente. Nesse sentido, Gonçalves (2012, p.41) enfatiza:

“Os saberes que os alunos da EJA trazem para a escola são de uma riqueza evidente. São saberes produzidos em diversos espaços de formação, onde se destacam aqueles produzidos/adquiridos no trabalho. São saberes de conteúdos, conceitos, habilidades e também da ordem dos valores.”

Além do fato de que *omundo do trabalho* já faz, em sua maioria, parte da vida dos educandos de EJA com toda a lógica de abandono dos estudos no período normal para iniciar no mercado de trabalho por necessidades de sobrevivência e prioridades, tem também o lado de que esse assunto é inclusivo e abrangente, justamente por fazer parte do cotidiano dos educandos, como experiência vivida ou como preparação para futuras experiências.

CAPÍTULO 3 – A PESQUISA DE CAMPO

3.1 – Abordagem da Pesquisa

A abordagem dessa pesquisa baseou-se em métodos quantitativos, com o intuito não de esgotar o tema, mas mostrar como é vasto e pode ser abordado de diversas maneiras, a fim de que os estudos possam cada vez mais avançar nessa temática. A fim de mensurar algumas questões foi utilizado o método quantitativo, pelo qual podemos citar Moresi (2003, p.64):

“A primeira razão para se conduzir uma Pesquisa Quantitativa é descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características. Ela é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística.”

Nessa pesquisa o questionário foi dividido em cinco partes: perfil pessoal, mundo do trabalho, escolha profissional, família e estudos. Todas as questões tiveram como eixo norteador para sua elaboração o objetivo geral desse trabalho que é analisar como é feita a escolha profissional entre os sujeitos da EJA.

As respostas dos questionários foram transcritas conforme escrito pelos respondentes, sem fazer alteração ortográfica ou semântica, pois considera-se importante manter a total fidedignidade às respostas, inclusive para análises posteriores.

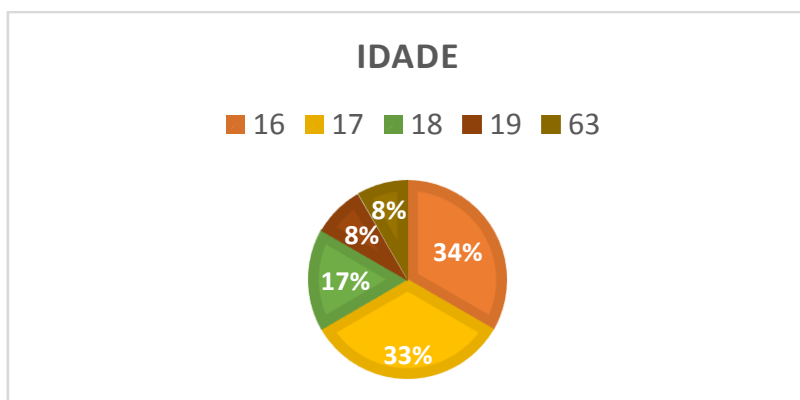
3.2 – Local da Pesquisa

O trabalho realizou-se num Centro Educacional de uma cidade do Distrito Federal. É um centro escolar da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, conhecida pela comunidade. Fica situada na Região Administrativa em área urbana. A escola recebe alunos de toda a região administrativa da cidade, como também das proximidades. A escola conta com um quadro de 175 funcionários, possui transporte escolar público e é acessível para portadores de deficiência, O CED trabalha com todos os segmentos da Educação de Jovens e Adultos e os mesmos são presenciais, mas o Centro assegura uma rede de 20 computadores para uso dos alunos.

3.3 – Perfil da turma/ Perfil Pessoal

As turmas de EJA em geral possuem alunos mais adultos e maduros. No entanto, vale ressaltar que a turma com que foi efetivado o trabalho é do período matutino, o que a torna mais voltada para o público jovem. A turma possui um número de 25 alunos, dos quais somente 12 quiseram participar da pesquisa, enquanto respondentes do questionário.

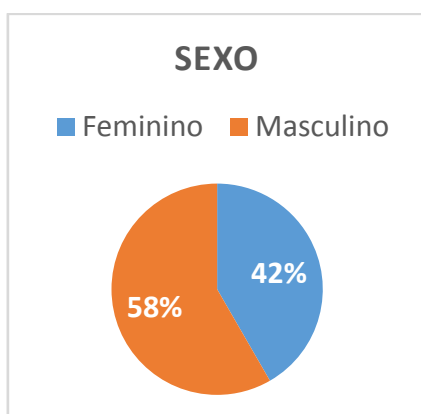
Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos



Fonte: elaborado pela autora

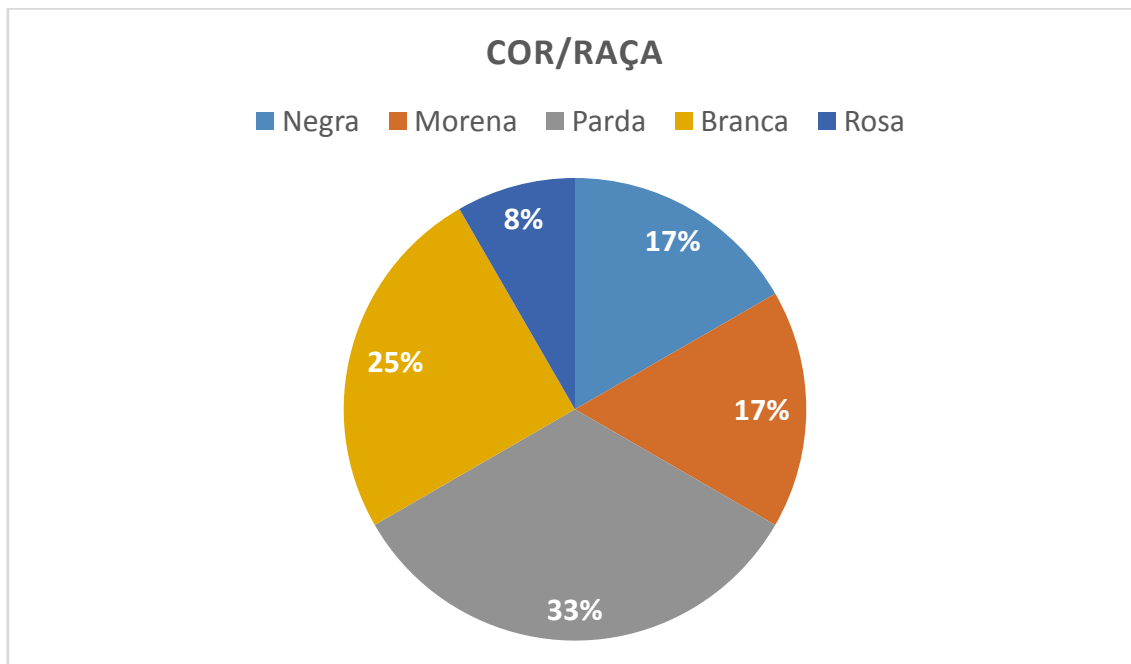
O gráfico acima ilustra a faixa etária da turma, mostrando que a frequência está em 16 e 17 anos, formando uma turma de 84% de adolescentes (16 a 18 anos), 8% de jovens (19 anos) e 8% adultos idosos (63 anos). Caracterizando uma turma jovem em sua maioria.

Gráfico 2 – Sexo



Fonte: elaborado pela autora

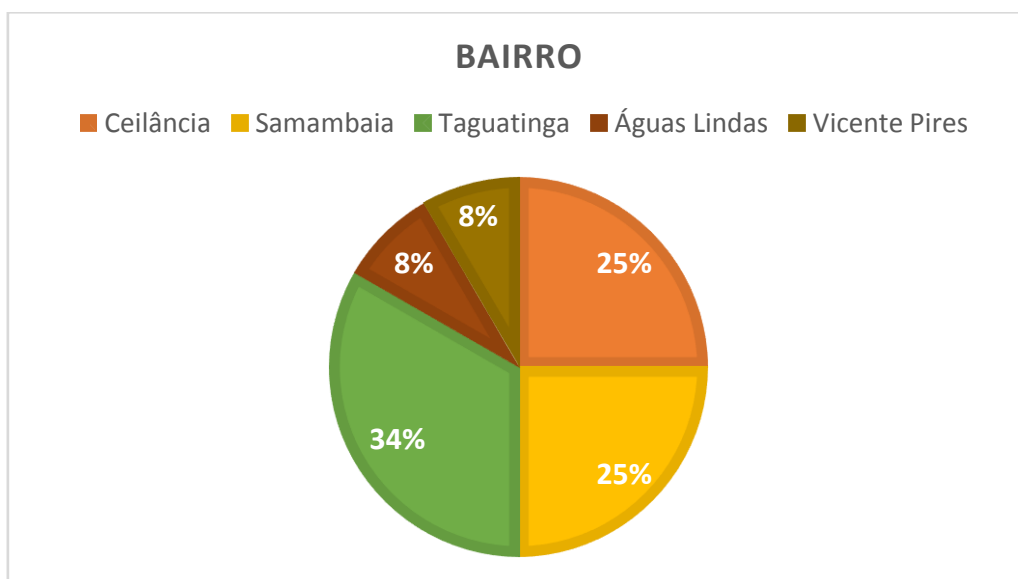
O Gráfico 2 ilustra o gênero dos alunos. A maioria do sexo masculino, sendo 7 alunos e 5 alunas do sexo feminino.

Gráfico 3 – Cor/Raça

Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 3 foi referente à pergunta: “Qual cor que você se descreve?”, para que nada fosse-lhes imposto sobre a abordagem da raça, mas que de forma ampla eles mesmos pudessem se descrever e de forma aberta responder. Inclusive um (1) respondente se considerou da cor “rosa”, sendo que a mesma não está nos parâmetros de cor e raça atualmente conhecidos, que englobam: Negro, Pardo, Brancos, Indígenas, Amarelos.

Foi percebido que 33% se considera da cor parda, 25% da cor branca, 17% morena e 17% negra, 8% rosa.

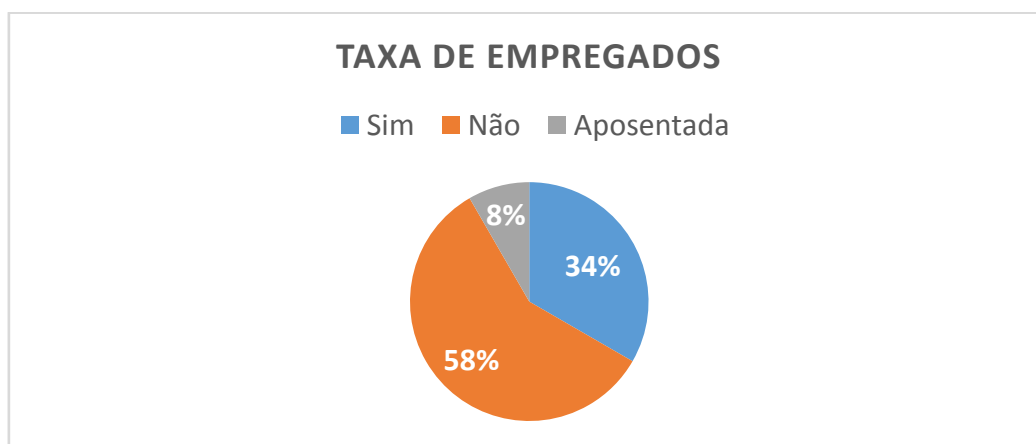
Gráfico 4 – Bairro da residência

Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 4 nos traz informações geográficas de onde se localizam as residências dos sujeitos respondentes, sendo que 34% reside em Taguatinga - o mesmo bairro onde se localiza a escola. No entanto, bairros como Ceilândia e Samambaia com 25% se encontram logo após Taguatinga. E com 8% os bairros Vicente Pires e Águas Lindas, com apenas uma pessoa que reside em cada bairro.

3.4 – Mundo do trabalho

Os apontamentos referentes à temática “Mundo do trabalho” são de cunho relevante para esse trabalho, pois ao perceber à inserção ou não dos alunos da EJA no mercado de trabalho, poderemos fazer suposições a respeito dos fatores que determinam a escolha profissional.

Gráfico 5 – Taxa de Empregados

Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 5 nos remete a uma situação curiosa. Primeiramente 58% não trabalham e 34% trabalham, 8% está aposentado. Esse contexto nos mostra que o entendimento prévio de EJA está sendo substituído talvez por um sistema de supletivo, uma vez que a mesma é considerada como composta por alunos e sujeitos que deveriam estar em atividade profissional. No entanto, Gonçalves, na obra organizada por Laffin (2012, p.31) ressalta que:

“Convém lembrar que os sujeitos da EJA são vítimas de um ciclo vicioso de exclusão: frequentemente são acusados pela sociedade de que não tem trabalho ou tem um salário menor porque não estudaram, porém, na maior parte das vezes, não estudaram porque trabalharam. Mas eles sabem que o estudo não garante o trabalho. Esta situação vale também para os jovens que não tem experiência de trabalho, mas buscam na EJA a possibilidade de obtê-lo. Os sujeitos da EJA de modo geral, são também vítimas do trabalho precário, da instabilidade e dos baixos salários.”

Vale salientar que 100% dos jovens que trabalham afirmam gostar do que fazem e somente uma não está com carteira assinada. Na tabela abaixo estão as especificidades das atividades profissionais desenvolvidas pelos jovens.

Tabela 1 – Atividade desenvolvida

Atividade desenvolvida
“ajudo minha mãe”
“Pizzaiolo”
“estudo e trabalho”
“trabalho no RH de um hipermercado”

Fonte: elaborado pela autora

Na tabela 1 é possível perceber que uma respondente considera o fato de ajudar sua mãe como trabalho. No entanto não é nítido se a “ajuda” se faz em atividades domésticas ou em atividades profissionais, o que é importante e possível destacar é o fato de que a mesma respondente não está com carteira assinada, não possui renda salarial e não especificou carga horária de trabalho, o que nos leva a deduzir que sua “ajuda” à mãe é mesmo de cunho doméstico. A mesma respondente também marcou “sim” na pergunta referente ao de desemprego.

É possível também ressaltar que a questão nos remete a problematizações de gênero, ou seja, o trabalho exercido pela mulher é substancialmente percebido como ajuda, forçando a mulher a ter dupla jornada de trabalho, como esclarece Miriam Grossi, professora do Departamento de Antropologia e Coordenadora do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em entrevista ao Programa Globo Ciência:

“O emprego doméstico é, por sua vez, fruto dos graves índices de analfabetismo e da pouca escolaridade no Brasil, que produzem uma massa de milhões de mulheres com pouca qualificação educacional para ingresso no mercado mais formal de trabalho. O trabalho doméstico, no mundo inteiro, é o primeiro trabalho no qual as mulheres vão atuar.”
(GROSSI, 2012)

O outro fato é que um respondente não especificou suas atividades desenvolvidas, somente afirmando em sua resposta: “estudo e trabalho”.

Em relação à renda salarial de cada um, dos quatro respondentes que trabalham somente três especificaram o salário, conforme a tabela 2.

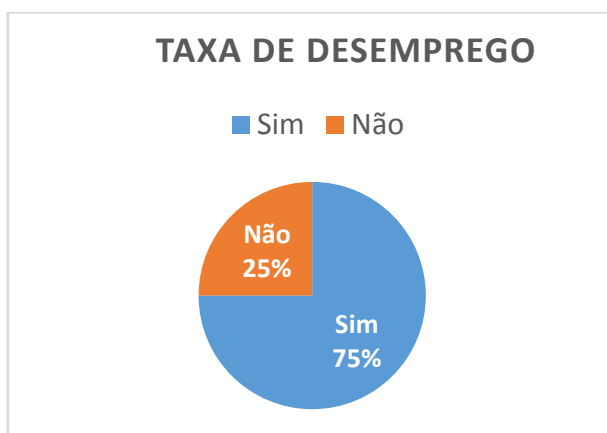
Tabela 2 – Renda Salarial

Aluno A	Aluno B	Aluno C
1 ½ Salário Mínimo	½ Salário Mínimo	323,00 (- ½ Salário Mínimo)

Fonte: elaborado pela autora

Para dois (2) respondentes a carga horária de trabalho é de 8 horas diárias e de 4 horas diárias para um (1) respondente.

Das áreas de atuação sugeridas no questionário, três (3) foram considerados Estágio e apenas um (1) Comércio. As áreas foram previamente estabelecidas para marcações e eram: Comércio, Estágio, Negócio próprio, Agropecuária, Indústria, Outra.

Gráfico 6 –Taxa de Desemprego

Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 6 demonstra um paralelo com o Gráfico 5 – Taxa de Empregados, pois há respostas paradoxais entre um dos sujeitos ou seja, o mesmo respondente afirma estar empregado e não estar empregado, não sendo logicamente cabível as duas alternativas ao mesmo tempo. É possível perceber que 75% dos alunos estão desempregados, isto é, fora do emprego formal e que 25% dos respondentes está inserida no mercado de trabalho, mesmo que em empregos precários.

Tabela 3–Motivo do Desemprego

Desempregados	Porque?
“sim”	“Curinaria” ¹
“sim”	“porque estou focado nos estudos ainda”
“sim”	“Porque faço cursos e depois vou trabalhar”
“sim”	“estou esperando ser chamada”
“sim”	“Não consegui ainda porque vou para aeronáutica”
“sim”	“não encontrei estágio ainda”
“sim”	“entreguei meu currículo em vários lugares, e estou esperando ser chamado”
“sim”	“Tenho que ir para o ensino médio”
“não”	“por causa do programa Jovem Aprendiz”

Fonte: elaborado pela autora

¹A resposta não está de acordo com o conteúdo da pergunta. Presume-se que a respondente gostaria de ter dito Culinária, fazendo referência ao curso, no entanto não se adequa ao conteúdo da questão e por isso não entrará nas análises do tema dessa tabela.

Na tabela 3 é possível perceber que três (3) dos respondentes alegam a falta de emprego para que haja uma melhor preparação ou dedicação aos estudos. Três (3) respondentes ainda esperam ser chamados pelo mercado de trabalho. Somente um (1) aluno mostrou o não comprometimento agora com o trabalho visando algo no futuro, como a ida para a aeronáutica: “Não consegui ainda porque vou para aeronáutica”.

O respondente que não está desempregado e quis responder a essa questão, atribuiu o seu “não desemprego” ao programa Jovem Aprendiz². Um (1) aluno preferiu não identificar o motivo do seu desemprego.

3.5 – Escolha profissional

As questões deste item e que abaixo foram analisadas fazem parte do eixo estruturante dessa pesquisa, uma vez que o que os alunos alegaram sobre seus sentimentos em relação à escolha profissional carregam um sentido subjetivo, fazendo com que a profundidade das questões fosse de fato alcançada.

Tabela 4 – Escolha profissional

Como você se sente em relação à escolha profissional?
“sento muito feliz”
“Difícil”
“eu estudo para ir para faculdade” ³
“Normal”
“normal, não sou uma pessoa "nervosa" pra esses tipos de coisas.”
“Confusa”
“Decidida”

Fonte: elaborado pela autora

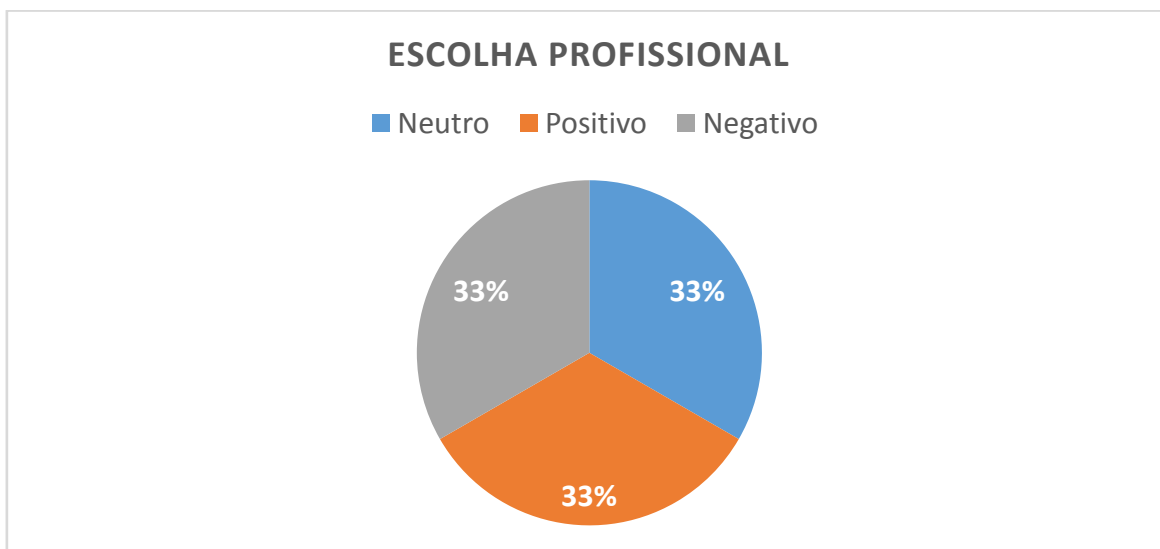
A tabela 4 revela, de acordo com as respostas de seis alunos, que a escolha profissional para eles, aparentemente é algo fácil e comum. O gráfico abaixo classifica em três categorias: neutro, positivo e negativo. Sendo eles categorizados e apresentados pelo Gráfico 7 – Escolha profissional, por palavras-chave encontradas nas respostas, são

² O programa Jovem Aprendiz está regulamentado desde 2005 pelo Decreto nº 5.598/2005 a partir da Lei Federal nº 10.097/2000. É o programa que agrega a formação profissional ao desenvolvimento físico, moral, psicológico e social dos jovens.

³ A resposta não está de acordo com o conteúdo da pergunta. Por isso não entrará nas análises do tema dessa tabela.

elas: neutro (normal), positivo (feliz; decidido) e negativo (difícil; confusa). Não é possível prever quais anseios em comum ocorrem entre os sujeitos, pois metade da amostra preferiu não responder e os resultados obtidos encontram-se com o mesmo índice percentual de 33%. Todavia, 33% declaram-se confusos ou sentem alguma dificuldade.

Gráfico 7 – Escolha profissional



Fonte: elaborado pela autora

Tabela 5 – Relação com a profissão

Profissão admirada	Porque?	Conhece alguém com essa profissão?	Sabe qual a média salarial?
“curinaria”	“eu gosto muito”	“meu tio”	“210”
“engenharia civil”	“acho lindo as obras”	“Não”	
“engenheirosivil”	“por meu pai trabalha nessa área”	“meu pai”	“5 mil”
“Ed. Física”	“gosto de academia”	“Colegas”	“2.000”
“polícia rodoviária”	“ajuda no trânsito ao que passamos nosso dia a dia”	“Não”	“uns 5 mil”
“Medicina”	“porque admiro muito”	“minha tia e minha prima”	“5 mil”
“médico”	“porque salva vidas”	“o tio do meu namorado”	“8.000”
“tem 2: polícia civil e futebol”	“adrenalina, respeito, etc.”	“um pai de um amigo meu”	“inicial é de 7.500 e pode chegar até 15.000”
“professor”	“é a base de tudo”	“minha madrinha”	“não sei”
“Contador”	“Envolve matemática”	“alguns parentes da minha família”	“3 a 5 mil”
“modelo, operadora de caixa”	“são as que eu gosto”	“minhamae”	“não sei”
“farmacêutico”	“fascinante”	“Sim”	“2000 a 3500”

Fonte: elaborado pela autora

A tabela 5 faz a relação com a pergunta que norteia o trabalho: como os alunos da EJA fazem suas escolhas profissionais? Com base na primeira questão, que diz respeito às profissões admiradas, as profissões que se repetem são: Medicina, Engenharia Civil e a carreira de Policial (Civil e Rodoviário). A frequência dessas profissões se dá primeiramente à construção histórica de *status* social, como diz Soares (2002, p. 53) a respeito dos fatores sociais que interferem na escolha:

“[...] profissões de maior prestígio social, como é o caso de medicina, engenharia e direito. Essas profissões têm uma imagem de *status social* que nenhuma outra ainda alcançou, porém é pouco difundido o verdadeiro *status* e o papel desempenhado por esses profissionais na sociedade atual”.

E ainda acerca do *status*, a autora diz que “[...] O jovem pode apresentar o conflito entre fazer o que ele realmente deseja ou seguir a profissão esperada por seus familiares, por ter mais *status* socialmente”.

As outras profissões apresentadas são: Culinária, Educação Física, Jogador de Futebol, Professor, Contador, Modelo, Operadora de caixa e Farmacêutico.

A segunda questão apresentada na tabela 4 faz referência à base motivadora para escolha da profissão em questão. Essa questão foi dividida em três partes, que foram assim categorizadas: escolha com motivação específica da área de conhecimento do curso/profissão, escolha com motivação pela identificação e uma escolha motivada pela personificação e influência familiar.

Como influência da família temos:

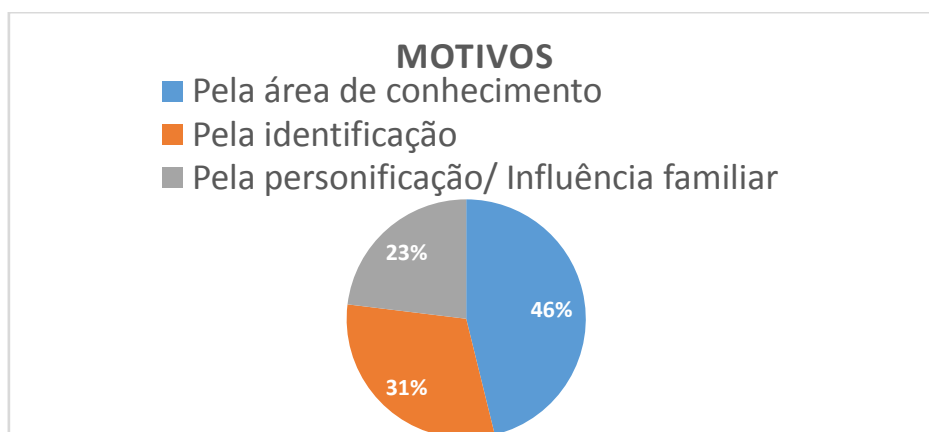
“O mundo familiar, portanto, pode levar uma pessoa a escolher um destino diferente daquele para o qual se sente inclinado a viver, em razão de sua inserção em determinado tipo de família. A necessidade de sentir-se amado na família leva-o a agir dessa maneira, na maioria das vezes inconscientemente.” (SOARES, 2002, 80)

Como personificação Bock afirma que “Quando uma pessoa pensa em seu futuro, ela nunca o faz de forma despersonalizada”, para tal conclusão, o autor faz uso da teoria de Bohoslavsky (1977, p.53) que diz:

“Nunca se pensa numa carreira ou numa faculdade despersonalizados. Será sempre *essa* carreira ou essa faculdade ou esse trabalho, que cristaliza relações interpessoais passadas, presentes ou futuras.” (BOHOSLAVSKY in BOCK, 2006, P.78)

A personificação e a influência da família foram colocadas juntas pois foi percebido que toda vez que o motivo da escolha profissional foi a personificação houve no mesmo momento a personificação por um integrante da família direta, sendo estes pai e mãe. O gráfico a seguir faz referência a essa categorização apresentada.

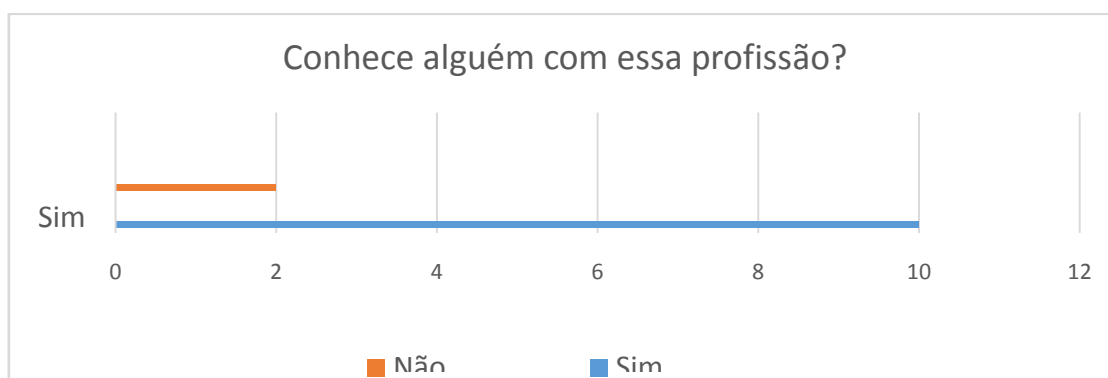
Gráfico 8 – Motivos da escolha da profissão



Fonte: elaborado pela autora

O gráfico 8 nos mostra que 46% dos alunos escolhem suas profissões pela área de conhecimento, 23% por identificação e 23% por personificação. Embora a personificação seja o menor índice apresentado no gráfico anterior, o que será abordado a seguir nos revela um ponto que pode ter ficado oculto na questão anterior. A personificação:

Gráfico 9 – Personificação



Fonte: elaborado pela autora

A personificação aqui entendida de acordo com o conceito de Bohoslavsky (1977) segundo Bock (2006) foi afirmada e podemos concluir que dos 12 estudantes, 10 conhecem alguém que exerce a determinada profissão e desses 10, em 8 respostas a pessoa conhecida é membro da família, podendo assim materializá-la.

O segundo fator relevante é o fato de que a influência familiar aparece logo na terceira questão, representada pelo gráfico 9 que tem como tema a personificação. É perguntado no questionário se o aluno conhece alguém que exerce essa profissão e seis relatos personificam familiares, como mãe, pai, tios, primos, madrinha e alguns parentescos em geral. Dois respondentes também relatam a família, porém um familiar de alguém próximo, como amigo ou namorado. Um respondente teve como base colegas e somente dois não conhecem alguém que trabalhe na área da profissão escolhida.

Sobre a questão salarial, apenas três dos doze respondentes não apresentaram conhecimento sobre o assunto, mostrando que a grande maioria apresenta conhecimentos mais profundos acerca da profissão, mesmo que de forma equivocada, ou seja, não é possível afirmar que de fato a média salarial da profissão está correta ou de acordo com o mercado, não é esse o intuito dessa pesquisa, entretanto pode-se inferir

que em algum momento a maioria dos respondentes teve a curiosidade ou ouviu falar de alguém sobre a média salarial.

Tabela 6– Foco nos estudos para o futuro profissional

Qual caminho você deve fazer para alcançar essa profissão?
“Faculdade”
“continuar os estudos”
“fazer uma faculdade para alcançar esse objetivo”
“cursos profissionalizantes”
“estudar, estudar... E se dedicar e correr atrás.”
“estudar muito, focar no que você realmente quer pro seu futuro”
“estudar muito”
“terminar os estudos e fazer uma faculdade e fazer o concurso para conseguir”
“estudar muito para passar no concurso”
“estudar bastante, focar no que eu quero para o meu futuro e persistir nisso até eu conseguir”
“terminar os estudos, faculdade e curso de informática”
“estudar e fazer faculdade de farmácia”

Fonte: elaborado pela autora

A tabela 6 propõe em sua questão para que os alunos reflitam sobre o que deve ser feito para traçar os caminhos a fim de que se alcance da profissão almejada. Em 100% dos casos as respostas fazem referência aos estudos e à faculdade (Ensino Superior) de modo geral. Algumas respostas podem se destacar pelo seu conteúdo, que mostram que além de estudar o sujeito deve despender uma força de vontade e dedicação, colocando-o na situação de responsável pela escolha e o cumprimento dela, as respostas aqui destacadas são: “estudar, estudar... E se dedicar e correr atrás.”, “focar no que você realmente quer pro seu futuro”, “focar no que eu quero para o meu futuro e persistir nisso até eu conseguir”.

Tabela 7 – Quem pode te ajudar?

Quem pode ajudar?
“Estudos”
“a escola”
“Eu estudar muito e meu pai pagando a faculdade pra mim”
“algum amigo que trabalhe nessa parte”
“Eu”
“posso ajudar a todos em geral” ⁴
“uma ótima faculdade”
“a força de vontade e o querer”
“só eu mesmo e a escola”
“cursos, o governo, minha mãe”
“eu mesma”

Fonte: elaborado pela autora

Na tabela 7 podemos perceber traços do liberalismo, onde os sujeitos percebem que as melhorias ou a ascensão de classe social virá acompanhada de muita força de vontade e o esforço dos sujeitos, de força individual, ou seja, desconsidera-se fatores externos sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais. Quando é feita a pergunta: “Quem pode te ajudar?”, tem-se por intenção perceber o papel da escola frente à escolha profissional desses alunos, mais especificamente o papel da Orientação Educacional, que deveria ser referência de suporte nessa área e, no entanto, não aparece nenhuma vez nas respostas.

Tabela 8 – Categorias de “quem pode ajudar”

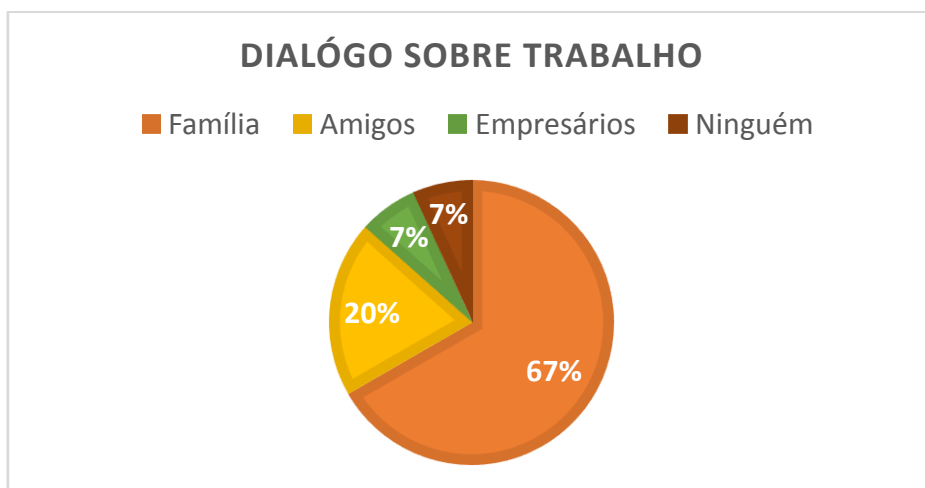
Categorias	Família	Instituições	Sujeito	Governo
Subcategorias	Mãe	Cursos	Força de vontade	Governo
Subcategorias	Pai	Faculdades	Eu	
Subcategorias		Estudo		
Subcategorias		Escola		
Total de Respondentes	2	4	3	1

Fonte: elaborado pela autora.

⁴A resposta não está de acordo com o conteúdo da pergunta. Por isso não entrará nas análises do tema dessa tabela.

A tabela 8 categoriza e faz referência às respostas da tabela 7 – Quem pode te ajudar? – mostrando que a maior parte da confiança dos alunos está nas instituições que foram por nós representadas por respostas que inferem de cursos, estudos, escola e faculdades.

Gráfico 10 – Diálogo sobre trabalho



Fonte: elaborado pela autora

Essa questão tinha como intenção perceber se os alunos da EJA possuem a orientação para o trabalho de alguma forma e foi percebido que somente 1 não conversou com ninguém sobre trabalho, sendo 7%. No total, 11 conversaram com alguém, sendo que, conforme o gráfico apresenta, 67% conversam com membros da família, 20% conversam com amigos e 7% conversa com empresários.

3.6 – Família

Primeiramente, os dados aqui levantados traçam o perfil familiar dos alunos, onde podemos perceber especificidades tanto da turma como também sociais. A tabela abaixo (9) demonstra quantas pessoas trabalham e quantas pessoas moram em cada residência. O que destaca é a primeira resposta tabulada, onde não trabalha nenhuma pessoa na residência.

Tabela 9 – Pessoas que trabalham/moram na residência

Respondentes	Quantas pessoas trabalham na sua casa...
1	Nenhuma
1	Uma pessoa
7	Duas pessoas
3	Três pessoas

Respondentes	Quantas pessoas moram na sua casa...
1	2 pessoas
2	3 pessoas
6	4 pessoas
2	5 pessoas
1	6 pessoas

Fonte: elaborado pela autora

A tabela abaixo faz um paralelo entre as profissões e escolaridades dos pais e mães dos alunos.

Tabela 10 – Profissão e escolaridade dos pais

Profissão Pai	Profissão Mãe	Escolaridade Pai	Escolaridade Mãe
“serviço gerais”	“serviço gerais”	“5º”	“5º”
“agricultor”	“dona de casa”	“não”	“não”
“engenheirosivil”	“firma de limpeza”	“superior”	“concluiu o ensino médio”
“pedreiro”	“cabeleleira”	“1º grau”	“6º”
“mecânico”	“não trabalha”	“3º série”	“completo”
“pedreiro”	“doméstica”		
“servido público”	“dona de casa”	“ensino fundamental completo”	“cursando o ensino médio”
“meu padrasto é caminhoneiro”	“cabeleleira”	“não sei”	“1º ano”
“eletricista”	“funcionária pública”	“completo”	“completo”
	“manicure”		“8º”
	“operadora de caixa”		“ensino médio completo”
“segurança”	“calandrista”	“8º seria incompleta”	“1º grau completo”

Fonte: elaborado pela autora

Com base nas respostas, podemos perceber que as profissões que se repetem em relação aos pais é *pedreiro* e em relação às mães é de *dona de casa/doméstica e cabeleireira*. A escolaridade dos pais varia de 5º série à superior, sendo apenas um único caso de exceção, pois no caso a frequência está no Ensino fundamental, sendo este completo ou incompleto. Em relação à escolaridade das mães a variação é da 5º série até “completo” que não é possível inferir como sendo Ensino médio ou Superior. Há também um caso onde a mãe encontra-se cursando o ensino médio.

Vale também ressaltar que algumas dessas profissões aparecem na tabela de profissões admiradas, ou seja, os alunos enxergam em geral possibilidades de seguir a mesma carreira construída pelos seus pais.

3.7 – Estudos

Essa seção diz respeito à forma como os estudos são vistos pelos alunos, se o trabalho atrapalha os estudos. Quais motivos os levaram a parar os estudos antes de voltar a estudar no segmento EJA, qual a motivação para voltar a estudar e qual a série em que o aluno se encontrava.

Tabela 11 – Trabalhar atrapalha os estudos?

Atrapalha?	Por que?
“sim”	
“não”	“depende da força de vontade do aluno”
“não”	
“não”	“estudo a noite”

Fonte: elaborado pela autora

Dos quatro alunos que encontram-se empregados, foi perguntado a eles se trabalhar atrapalha o rendimento nos estudos. As respostas foram negativas para 75% dos alunos, enfatizando que não atrapalha pois é dito que “depende da força de vontade do aluno” e outra resposta mostra a organização em seu horário de estudo. Somente um respondente, representando 25% afirma que trabalhar atrapalha seu rendimento nos estudos, no entanto não especificou em sua resposta o porquê, que nos levaria de fato à resposta dessa questão. A afirmação de 75% de que trabalhar não atrapalha os estudos difere do que a literatura trata, pois, afirma-se que o trabalho interfere nos estudos.

Tabela 12 – Série e motivos

Qual série estava antes da EJA?	Qual foi o motivo para parar naquele momento?	Qual foi o motivo para voltar a estudar?
5º	“trabalho”	“conhecimento”
6º	“me fez me setiva muito” ⁵	“fez muito bacana” ⁶
6º	“eu não parei, só reprovei por besteiras”	“terminar logo e alcançar meus objetivos”
7º		
7º	“reprovamento por bagunça e desânimo”	“o fato de eu estar novo e não chegar a lugar nenhum”
7º	“mudanças de um luga para o outro”	“termina e se independente”
8º	“faltas”	“para ter um grau de escolaridade maior”
8º	“porque tinha reprovado”	“da orgulho para minha mãe”
8º	“nenhum, foi mais por calsade amizades, reprovei de maise por calza de falta”	
8º	“mudança de cidade”	“futuro”
8º	“mudanças”	“estudar”
8º	“saúde”	“meu futuro”

Fonte: elaborado pela autora

A tabela 12, está apresentada acima como fonte de dados, pois nela estão contidas as respostas conforme descritas nos questionários. As análises dessas informações estão a seguir:

⁵Não foi de possível compreensão da autora a intenção da respondente, por isso a sentença não entrará nas análises dessa questão.

⁶Não foi de possível compreensão da autora a intenção da respondente, por isso a sentença não entrará nas análises dessa questão.

Gráfico 11 – Série antes da EJA

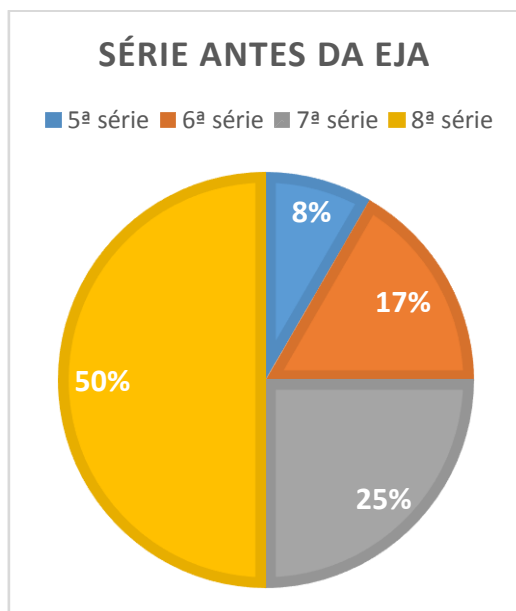
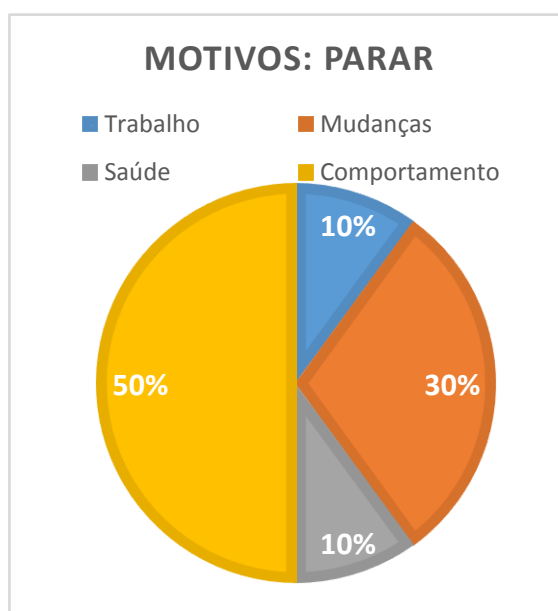


Gráfico 12 – Motivos de parar



Fonte: elaborado pela autoraFonte: elaborado pela autora

Os gráficos 11 e 12 acima representam um paralelo interessante. Inicialmente 8% dos alunos pararam seus estudos na 5ª série, 17% na 6ª série, 25% na 7ª série e um valor de 50% de alunos que antes da EJA pararam seus estudos na 8ª série, ou seja, a mesma série que se encontram na data da pesquisa referente à modalidade EJA.

No gráfico 12 tem-se os motivos que os levaram a parar os estudos nas séries citadas anteriormente. Por motivo de trabalho e saúde apenas 10% dos alunos, por questões de mudanças de cidade ou casa 30% dos alunos. Por fim temos um índice de 50% dos jovens respondem que quando reprovaram não foi por motivos externos, mas sim por motivos de mau comportamento em sala, faltas excessivas, influências das amizades e coisas relacionadas, como um respondente que relata: “eu não parei [os estudos], eu reprovei por besteira”.

A partir dessa análise, vimos que a amostra de Educação de Jovens e Adultos dessa instituição usada nesta pesquisa está funcionando como uma forma de recuperação acelerada. Jovens e adolescentes que apresentam um discurso de “culpabilização”, baixa autoestima : “Não ficou na escola por mau comportamento”, ou não levaram os estudos com a devida responsabilidade em seu devido tempo e acabam por concluir a mesma série com um período bem mais reduzido, pois as séries dos

segmentos da EJA são efetivados por semestres. Percebe-se no gráfico 12 que a parada dos estudos por motivo de trabalho é o menor índice desse comparativo.

Tabela 13 – O que espera da escola

O que você espera da escola?	Categorias
“terminar os estudos”	1) Conclusão dos estudos
“Que termino o mais rápido”	1) Conclusão dos estudos
“me forma”	1) Conclusão dos estudos
“aprender”	2) Busca por educação
“que me traga sabedora e aprendizagem”	2) Busca por educação
“educação e segurança”	2) Busca por educação e 4) Segurança
“que me ensino algo que me faça ir mais longe, que me faça chegar mais próximo a um profissional”	3) Oportunidades
“espero muita oportunidade”	3) Oportunidades
“bons professores e organização”	5) Melhorias da escola
“que ela melhore”	5) Melhorias da escola
“que eu aprenda”	6) Meu desempenho.
“que melhore meu desempenho”	6) Meu desempenho.

Fonte: elaborado pela autora

A tabela 13 é referente à esperança dos alunos com relação à escola, o que se espera dela. Para melhor compreensão, as respostas foram divididas em 6 categorias que condensam as ideias fazendo assim uma melhor compreensão, são elas: 1) Conclusão dos estudos; 2) Busca por educação; 3) Oportunidades; 4) Segurança; 5) Melhorias da escola e 6) Meu desempenho. A categoria 1 – Conclusão dos estudos possui três respostas. A busca por educação (categoria 2), três respostas. A categoria 3 – Oportunidades possui dois respondentes. A categoria 4 - Segurança possui apenas um respondente. A categoria 5 diz respeito às melhorias que os alunos esperam da escola, como foi citado: “que ela [escola] melhore” e “bons professores e organização”. A categoria 6 mostra que dois alunos cuja responsabilidade está depositada em si mesmo, pois quando perguntados “o que você espera da escola?” eles respondem: “que eu aprenda” ou “que eu melhore meu desempenho”. Essas respostas que se auto-responsabilizam podem também caracterizar uma auto-punição do sujeito, de forma que toda a responsabilidade é sua e se algo não sair como os padrões é única e exclusivamente culpa sua, podendo ser perceptível uma “culpabilização” do sujeito. Tal discurso evidencia a necessidade da escola levar em conta o contexto de vida do aluno.

Tabela 14 – O que busca na escola

O que você veio buscar na escola?
“algonavida lar pela fente”
“conhecimento”
“termina o encino médio”
“estudos”
“conhecimento”
“meu futuro, um futuro melhor”
“estudo de qualidade”
“aprendizagem”
“estudo aprendido”
“Aprendizagem, contatos, amigos, estudos”
“o tempo perdido”
“educaçãoe aprendido para a vida toda.”

Fonte: elaborado pela autora

A tabela 14 reforça as ideias analisadas na tabela 13. Entretanto traz consigo termos interessantes que devem ser ressaltados, como por exemplo alunos que vieram em busca “de um futuro melhor” ou “algo na vida lá pela frente”. Um respondente considera sua busca na escola por uma educação de qualidade. Outro aluno busca recuperar o tempo perdido. Outros três citam conhecimento ou aprendizado para a vida toda. Somente um percebe a escola como meio social e em seu relato afirma buscar na escola “[...]contatos, amigos[...].” além de aprendizagem e estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados pode-se afirmar que os objetivos foram alcançados. É possível inferir que os jovens e adultos escolhem suas profissões a partir de, principalmente, suas referências familiares mas que também sofrem influências sociais, econômicas, psicológicas, educacionais e políticas. A influência sobre a escolha profissional que diante das análises ficou clara de ser observada foi a familiar, indo de acordo com o que os alunos responderam. E que 67% conversam com a família sobre assuntos profissionais. E no caso a família é um fator determinante na escolha profissional do aluno. A personificação foi evidenciada pela identificação da escolha com algum membro da família em 46%. Eles conhecem alguém que exerce a profissão escolhida, e eles personificam em familiares como mãe, pai, tios, primos, madrinha etc.

Em geral foi percebida uma turma jovem, sendo 80% dos alunos entre 16 e 18 anos. Dos índices que se destacam podemos afirmar que 38% são pardos. 75% declaram-se desempregados.

Os jovens dessa pesquisa se encaixam no perfil, dos que estão desempregados, pois quase 60% não trabalha e quando perguntados do motivo que os levou à EJA, ou seja, o motivo que fez com que os mesmos parassem os estudos, o menor índice é por motivo de trabalho, representando apenas 10% dos respondentes e o maior índice 50% é de mau comportamento, relatado por eles mesmos. O que leva considerar a existência de uma “culpabilização”, resultante da baixa autoestima de alunos que “fracassaram nos estudos” na “idade certa”. Portanto, se faz necessário que a escola leve em conta o contexto de vida do aluno para planejar atividades significativas para esses estudantes.

A priori a EJA é vista como classe trabalhadora, constatado por diversos autores que afirma que a composição dessa modalidade de ensino é essencialmente de Jovens e Adultos trabalhadores. No entanto nessa pesquisa foi possível perceber que mais da metade não trabalha, e também não foi por esse motivo que os estudos foram interrompidos anteriormente, à experiência do trabalho

Outra questão que merece alguns apontamentos relevantes diz respeito à compreensão de texto e escrita gramaticalmente correta. Os alunos que estão a caminho de ingressar no ensino médio não possuem uma base de Português. Diversas perguntas do questionário foram respondidas de forma que não pudessem ser analisadas, pois não

estavam de acordo com o enunciado, que por sua vez carregava comandos de teor básico e claro, conforme Anexo 2.

O percurso desta investigação aponta uma necessidade de um trabalho mais integrado entre a área da Orientação no que diz respeito ao aspecto do desenvolvimento Vocacional e Profissional do aluno, e com as disciplinas do currículo escolar, bem como a garantia de desenvolvimento de espaços para reflexão sobre projetos de vida profissional para os alunos da EJA na faixa etária entre 16 a 17 anos. Este trabalho integrado busca fortalecer o conhecimento sobre o contexto de vida destes jovens de modo a tornar mais significativa a experiência da escola.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Profissionalmente desejo sempre me aprimorar. O desejo de aprender ensinando e ensinar aprendendo faz parte de mim. Entretanto, vejo a área da Orientação Profissional como a que me identifico dentro do campo da Pedagogia. Carrego então a missão de fazer um trabalho de orientação para o trabalho com, por e para os Jovens e Adultos.

Estarei nos próximos anos buscando por concursos na área, pois além da Educação de Jovens e Adultos ser de cunho público e social, a estabilidade, bons salários e boa condição de trabalho me chamam bastante atenção. Para que eu possa exercer o trabalho que nessa monografia foi iniciado é preciso estar inserida em uma escola da rede pública e obter espaço para trabalhar, pois está claro o quanto o este trabalho tem o tempo com os alunos remido e limitado. Por isso a missão é ainda maior.

Com tudo, anelo alcançar patamares altos profissionalmente, pois, sei que muito ainda tenho para aprender e sem dúvida se aprende fazendo e trabalhando. Amo os desdobramentos dessa área e suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo:** Por uma educação básica do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

_____. **Educação de jovens e adultos:** um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). *diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** UFMG. *Alfabetização e cidadania*. N° 11. Abril de 2001.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional:** a abordagem sócio-histórica. São Paulo : Cortez, 2006.

_____. **Orientação profissional para classes pobres.** São Paulo : Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2005.

LAFFIN, M. Hermínia L.F. (Org.). **Educação de Jovens e Adultos, Diversidade e o Mundo do Trabalho.** Ijuí : Ed. Unijuí, 2012. (p. 28 – 61)

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa.** Universidade Católica de Brasília. Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Brasília, DF. 2013.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos.** Campinas, SP : Papyrus, 2002.

REIS, Renato Hilário dos. **A constituição do ser humano:** amor-poder-saber na educação / alfabetização de jovens e adultos.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O que é a escolha profissional.**São Paulo : Brasiliense, 2009.

_____. **A escolha profissional do jovem ao adulto.** São Paulo :Summus, 2002.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Monografia: Quais os fatores que determinam a escolha profissional dos alunos da EJA” de responsabilidade de Gabriela Dorneles de Moraes, aluna da Universidade de Brasília, orientada pela Prof.^aDra. Maria da Conceição da Silva Freitas. O objetivo desta monografia é verificar como os alunos da Educação de Jovens e Adultos fazem suas escolhas profissionais. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a Monografia.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da Monografia, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante as informações.

Espera-se com esta Monografia possibilitar mais um estudo e análise sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à Monografia, pode entrar em contato: Gabriela Dorneles (61) 8233-5403, email: gabisdorneles@gmail.com

A equipe da Monografia garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de disponibilização do trabalho final, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este documento possui duas vias, uma ficará com a pesquisadora e outra com o(a) senhor(a).

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, _____ de _____ de 2014.

Anexo 2 – Questionário

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: Feminino () Masculino () Qual cor que você se descreve? _____

Qual bairro fica a sua casa? _____

Você está empregado? SIM () NÃO () Com carteira assinada? SIM () NÃO ()

O que você faz? _____ Você gosta do que faz? SIM () NÃO ()

Quantos salários mínimos você recebe? ____ Você trabalha quantas horas por dia? ____

Trabalhar atrapalha os seus estudos? SIM () NÃO () Por que? _____

Circule qual das áreas abaixo se encaixa no seu tipo de trabalho?

COMÉRCIO - ESTÁGIO - NEGÓCIO PRÓPRIO - AGROPECUÁRIA -

INDÚSTRIA – OUTRA:

Você está desempregado? SIM () NÃO () Por que? _____

Como você se sente em relação à escolha de uma profissão? _____

Qual profissão você admira? _____ Por que? _____

Quem você conhece que tem essa profissão? _____

Qual a média de salário de um profissional dessa área? _____

Qual caminho você deve fazer para alcançar essa profissão? _____

Para isso, quem pode te ajudar? _____

Já conversou com alguém sobre o trabalho? SIM () NÃO () Quem? _____

Quantas pessoas moram na sua casa? _____

Na sua casa quantas pessoas trabalham? _____

Qual profissão do seu pai? _____

Profissão da mãe? _____ Escolaridade do pai? _____

Escolaridade da mãe? _____

Qual série você estava antes de voltar a estudar na EJA? _____

Qual motivo que te fez parar naquele momento? _____

Qual motivo que te fez voltar a estudar? _____

O que você espera da escola? _____

O que você veio buscar na escola? _____